

# Arte da Capa

**Em comemoração aos 70 anos da Revista Brasileira para Cegos (RBC), publicação em Braille do Instituto Benjamin Constant, fundada pelo professor José Espínola Veiga para entretenimento das pessoas cegas, convidamos a professora Joana Belarmino de Sousa,<sup>1</sup> da Universidade Federal da Paraíba e membro do Conselho Editorial da revista Benjamin Constant, para tecer algumas palavras relatando a sua vivência como leitora da RBC. Não podemos deixar de lembrar e agradecer a contribuição de todas as pessoas que, com zelo e afincos, conduziram a produção da revista, ao longo desses anos, em especial Kate de Queiroz Costa, que esteve à frente da RBC por quase duas décadas.**

## **Esta Senhora EM Revista: Crônica para uma Homenagem**

Nasceu sob o signo ensombrado da guerra, numa casa em reforma, e não havia canção de ninar, antes, o ruído ensurdecedor de máquinas de impressão, cinzelando palavras em relevo nas suas folhas brancas e novas.

O ano era 1942, e abril iniciava seus dias. Mal sabia falar, contudo desceu às pressas das suas fornalhas, para expor a situação das pessoas cegas do Brasil na “Era Vargas”, dar voz aos rumores da guerra, abrir-se ao discurso do ministro de Educação e saúde brasileiro acerca da Lei Orgânica do Ensino Secundário.

Amenizou sua face sisuda com algumas expressões pitorescas; o tempo, todavia, não era para muitos sorrisos. Era preciso dizer algo acerca dos brasileiros da Quinta Coluna, e necessário fazia-se falar dos bombardeamentos, recuar aos primórdios da luta pela Independência, até a execução de Tiradentes.

José Espínola Veiga, seu mentor intelectual, seu pai espiritual, inspecionou pela última vez seus trajes de partida. Vestia-se com as palavras do seu tempo. Cumpriria bem a sua missão?, indagou-se o mestre, enquanto sopesava o pequeno maço de páginas encadernadas.

E eis que as roldanas do tempo giraram, e por centenas e centenas de vezes ela vestiu-se e deixou a casa do seu pai. Em abril passado completou 70 anos e é portadora de uma trajetória que lhe confere o merecido título de “uma senhora revista”.

A *Revista Brasileira para Cegos, RBC*, é uma publicação em Braille do Instituto Benjamin Constant, primeira escola fundada no Brasil para a educação de crianças, adolescentes e adultos cegos. É distribuída gratuitamente para mais de 2 mil leitores cegos no País e circula em mais 21 países de línguas espanhola e portuguesa. Pode-se dizer: é uma revista intergeracional, porque, ao longo desses anos, apoiou, complementou e disseminou a cultura, o entretenimento, a educação para centenas de milhares de pessoas cegas no Brasil e no mundo.

Essa senhora revista ainda cumpre a proeza de ser a única existente no Brasil, em Braille, e distribuída gratuitamente. Quanto ela custa?, perguntam os ordenadores das suas despesas. Quanto ela vale?, indagamos cegos brasileiros, tocando suas páginas brancas e novas, crivadas de palavras em relevo.

Cumpre-me, pois, nesta matéria, homenagear essa senhora, eu que comecei a desbravar suas páginas na minha adolescência. Era o meu pai que geralmente me entregava o pacote de correspondências, fazendo voz de carteiro, escondendo as cartas para que eu me desesperasse, até que, com uma agilidade que sempre me surpreendia, atirasse o pacote sobre a minha cabeça, nós dois estourando de risos.

Lembro-me de um episódio curioso, engendrado no âmago da rebeldia dos meus pouco mais de 20 anos, quando, revoltada com o pequeno número de publicações em Braille existentes no País, produzi e distribuí, em um evento de pessoas cegas (1981), um manifesto no qual atacava com ferocidade a *RBC* e o *Relevo*, publicação da Fundação Dorina Nowill para Cegos.

Naquele tempo, eu só tinha uma vontade grande de mudar o mundo com meus brados. A revista seguiu seu curso, eu segui o meu, mas, surpreendentemente, estivemos juntas todo esse tempo

Agora mesmo, dou uma parada no texto, faço clique no *site* do IBC, desdobro páginas digitalizadas, sobrevo a esmo títulos e partes de suas matérias...

Acode-me, então, uma vontade de segurar a revista, abrir suas páginas, deixar que meus dedos deslizem suavemente por suas linhas pontilhadas, meus indicadores apontando um tempo intercalar, entre o passado e o futuro, tempo no qual cabe o gesto primordial inventado por Louis Braille, o tempo dessa célula fundamental de seis pontos conformados à polpa do dedo, destravando vontades, imprimindo na cultura um novo modo de se ler o mundo, tocando as palavras, reinventando, nessa gramática de associação e combinação, um novo diálogo entre mão e cérebro.

Decifro palavras, entretanto é como se, nesse gesto primordial, meus dedos apontassem toda essa trajetória, do invento de Braille até nossos dias. Um tempo em que foram necessários tantos outros gestos fundamentais, em oficinas de impressão, em mesas de escolas, em praças, o braille sendo lido ali,

perto do mar, enquanto as ondas quebram na areia, ritmando a eternidade do seu ir e vir.

Leio frases inteiras; no entanto, para além do lido, sinto como se meus dedos apontassem, em cada combinação de pontos braille, impressores, revisores, encadernadores, embaladores, distribuidores, recicladores, leitores, chusmas de leitores da *Revista Brasileira para Cegos*, nesses 70 anos, em mais 70 anos futuros, em computadores, em *tablets*, em *displays* braille, a pequena célula fundamental multiplicando-se, assumindo essas outras tantas formas de narrar o mundo, em som, em texto, em relevo.

Contemplo de novo a pergunta, quanto vale a *RBC*? E é como se ouvisse a voz dos seus idealizadores, dos seus divulgadores, dos seus leitores, a dizer, como num jogral: a *RBC* não tem preço. A *RBC* vale cada grão de cultura plantado e germinado, cada ponto braille sulcado e lido, cada progresso alcançado, ontem, agora e no futuro.

Joana Belarmino

1 Joana Belarmino de Sousa é jornalista; bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal da Paraíba, 1981; mestra em Ciências Sociais pela mesma universidade, 1996; doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. Desenvolve pesquisas nas áreas de acessibilidade à comunicação, ciberativismo, cegueira e percepção tátil, cegueira, arte, literatura e comunicação. É professora adjunta do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba, tendo iniciado a docência em 1994.